

Dauster obtém apoio do Senado para renegociar dívida externa

12 SET 1990

JORNAL DO BRASIL

Brasília — João Ramid

BRASÍLIA — O negociador da dívida externa brasileira, embaixador Jório Dauster, conquistou o apoio do Senado Federal às propostas do governo para a renegociação com os credores internacionais — especialmente a de “só pagar a dívida com o que sobrar” —, após depoimento ontem à Comissão de Assuntos Econômicos. A Constituição de 1988 atribuiu ao Senado a prerrogativa de estabelecer os parâmetros da negociação e do pagamento da dívida. A resolução definindo estes parâmetros será elaborada ainda hoje, mas a aprovação, segundo o senador Severo Gomes (PMDB-SP), que preside a comissão, só ocorrerá quando o Senado voltar a se reunir em novo esforço concentrado, entre 3 de outubro e 15 de novembro.

Dauster disse aos senadores que o Brasil vai propor ao Clube de Paris a reestruturação da dívida externa pelo prolongamento dos prazos de pagamento e do período de carência. Ele admitiu a possibilidade de o Brasil retomar ainda este ano o pagamento da dívida às agências governamentais e aos bancos privados. O volume e a data dos pagamentos, ressaltou Dauster, serão definidos pela ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e dependem das negociações que serão retomadas no início de outubro.

Numa segunda etapa da negociação com os credores privados o Brasil vai propor a redução de sua dívida por mecanismos de recompra e de securitização (recompra dos títulos em prazos e condições diferentes), previstos pelo Plano Brady, de ajuda



Severo (E) e Fernando Henrique (D): apoio a Dauster

aos países endividados do Terceiro Mundo. A securitização foi uma das possibilidades incluídas na carta de intenções a ser assinada com o FMI (Fundo Monetário Internacional), ainda esta semana.

A suspensão do pagamento da dívida de médio e longo prazos, destacou Dauster, foi uma imposição aritmética. “O Brasil nunca repudiou a dívida”, disse, pois sabe que a acumulação de atrasados, que chegam a US\$ 10 bilhões este mês, poderia levar a uma crise cambial mais tarde. As negociações com as agências oficiais e com os bancos privados “será dura”, mas Dauster acredita que a equipe brasileira será bem-sucedida. “Desta vez, a diferença é que os negociadores brasileiros sentam à mesa sem espírito de confronatação e contando com o forte argumento de estar fazendo um ajuste interno consistente.”

O Brasil também senta à mesa com os credores sem imposições, pois segundo assegurou o embaixador, não há sequer a previsão do país efetuar um pagamento simbólico antes do reinício das negociações. Dauster descartou ainda qualquer condicionamento do desembolso do FMI, que vai emprestar US\$ 2 milhões ao Brasil até fevereiro de 1992, à retomada da negociação com o Clube de Paris e o bancos.